

SANTO DAIME: UM SACRAMENTO CRISTÃO EM FORMAÇÃO

Isabela Oliveira*

RESUMO: O texto analisa a constituição do significado atual da bebida psicoativa milenar indígena conhecida como Ayahuasca dentro da religião Santo Daime onde ela é considerada, por grande parte de seus adeptos, como um sacramento eucarístico cristão. Partindo da idéia de religião enquanto fenômeno social em constante formação compreende-se a ressignificação da Ayahuasca como um evento que se insere dentro do processo dialético e histórico de construção social de significados que fundamenta a constituição de toda a religião. Tendo em vista o fato de o Santo Daime ser um grupo de cultura essencialmente oral, para avaliar como se deu esse processo de ressignificação e a constituição do significado atual da bebida, é feita uma breve análise do conteúdo das narrativas orais mais importantes presentes na religião.

PALAVRAS-CHAVE: Santo Daime, Ayahuasca, religião, história oral, cultura

ABSTRACT: The text analyses the constitution of the current meaning of the thousand-year-old psychoactive indian drink Ayahuasca inside the religion Saint Daime where it is known as Daime and considered, by a large part of its followers, as a Christian Eucharistic Sacrament. Working with the idea of religion as a social phenomenon in constant formation, the meaning of the Ayahuasca beverage among Santo Daime's followers is understood as an event that belongs to the dialectic and historical process of social construction of meanings that substantiates the constitution of the whole religion. As Santo Daime is religion whose culture is essentially based on orality, this article presents a short analysis of the content of some the most important oral narratives in the religion that helps to understand the process of constitution of the current meaning of the drink Ayahuasca among its members.

KEYWORDS: Santo Daime, Ayahuasca, religion, oral history, culture

O Santo Daime é uma religião brasileira cristã que se formou no estado do Acre a partir do início da década de 30. Hoje, a religião tem aproximadamente 42 centros e comunidades espalhadas por diversos estados do país e cerca de cinco mil associados em mais de 20 países do mundo, entre os quais, destacam-se: Estados Unidos, Espanha, Holanda, Itália, Alemanha, França, Inglaterra, Argentina, Chile e Japão.

O fundador do Santo Daime, Sr. Raimundo Irineu Serra, é conhecido entre seus seguidores como o Mestre Irineu. Ele nasceu no Maranhão no final do século XIX, mudando-se para o Acre dentro do fluxo migratório fomentado pela extração em larga escala do látex. O período foi marcado por um grande *boom* da produção gumífera na região amazônica, que atraiu trabalhadores de diversas regiões do país, em especial do nordeste. Desta forma, trabalhando como seringueiro e membro da Comissão de Demarcação de Limites, o Sr. Irineu teve contato com a bebida Ayahuasca.

A Ayahuasca é um chá com propriedades psicoativas que tem sido utilizado milenarmente pelas populações nativas da região amazônica brasileira e andina com

* *Designer* gráfica, professora adjunta da Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília, doutora em História Cultural (UnB) e correspondente do NEIP – Núcleo de Estudos Interdisciplinar de Estudos sobre Psicoativos.

diferentes finalidades, tais como: diagnóstico e cura de doenças, adivinhação, caçadas, preparação para guerra (MACRAE, 1992) e em práticas xamânicas e de curandeirismo. Em linhas gerais, a Ayahuasca é obtida por meio da decocção do cipó Jagube (*Banisteriopsis caapi*), como é conhecido na religião Santo Daime e do arbusto *Psychotria viridis*- a “Rainha”. Entretanto, outras plantas com propriedades químicas semelhantes são utilizadas na formação da bebida, dependendo da cultura do grupo usuário.

Ao beber a Ayahuasca, por volta de 1912/14, o Sr. Irineu teve revelações psíquicas e espirituais que o levaram, nos anos seguintes, a constituir uma nova forma de trabalho com essa bebida milenar. Sob sua direção, deu-se, durante as décadas de 30 e 60, na cidade de Rio Branco (AC), o processo principal de formação da religião Santo Daime e do significado atual da bebida, percebida pelos seus adeptos como um sacramento eucarístico cristão. Nesse período, a bebida foi rebatizada pelo fundador como Daime. Uma nova técnica para o seu preparo foi desenvolvida, os principais rituais e símbolos da religião foram constituídos, além de se estruturaram os fundamentos doutrinários da religião.

Apesar de a bebida Ayahuasca ter sido rebatizada pelo Sr. Irineu ainda na década de 30, o processo de formação do significado atual da bebida foi um processo mais amplo que continua se ressignificando até os dias de hoje. Recentemente (abril, 2008), por exemplo, representantes das três principais religiões cristãs que fazem o consumo ritualizado da Ayahuasca solicitaram ao então Ministro da Cultura, Sr. Gilberto Gil, que através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, fosse instaurado o processo de reconhecimento da Ayahuasca como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Partindo da compreensão de religião enquanto fenômeno social que oferece um ordenamento significativo para seus seguidores, que fundamenta compreensão do *cosmos* de seus adeptos como sendo composto por dimensões tangíveis e intangíveis (BERGER, 1985), compreendo a dinâmica de formação da religião Santo Daime e dos significados nela compartilhados como um processo contínuo, sobre o qual não se pode determinar uma origem precisa. Um processo que envolve uma complexa e ampla articulação de representações sociais, que se constituíram ao longo da história da

religião, entre as quais, consta o significado atual da bebida enquanto um sacramento eucarístico cristão ou mesmo como patrimônio cultural nacional.

De acordo com Berger (1985, p.41), o ordenamento significativo oferecido pelas religiões, a dimensão intangível da realidade, pode ser compreendido como o sagrado. Entretanto, o fato de o sagrado não ser percebido como caos demonstra que, mesmo estando numa esfera que escapa à compreensão humana racional, trata-se de um domínio para o qual se estabelece um ordenamento simbólico.

Assim, considero que esse *corpus* semântico formado pela religião, ao longo do processo dialético de construção social de sentidos, orienta a conduta dos adeptos no seu dia-a-dia e estrutura sua compreensão sobre a realidade. Partindo dessa compreensão, percebo a formação da religião e do significado da bebida Daime como eventos sociais e culturais.

Por outro lado, a fala da antropóloga Ester Langdon (2005, p. 20) revela a importância da cultura como fator que contribui significativamente para a estruturação da experiência psicoativa. Para ela “*não é possível separar a experiência xamânica dos mitos, dos ritos e da história. Essas experiências transformam-se em história oral e, por sua vez, influenciam as novas experiências*”. Dessa maneira, no que diz respeito aos usuários de substâncias psicoativas, as explicações oferecidas para as experiências com essas substâncias dependem dos contextos em que as práticas se inserem e dos processos sócio-culturais, biológicos e históricos em que se fundam e engendram.

Por meio desse entendimento, percebo que os padrões culturais – entendidos como sistemas complexos de símbolos que fornecem um diagrama, que dão forma definida a processos sociais (GEERTZ, 1989, p. 106) - são determinantes na formação do significado da experiência psicoativa com o Santo Daime. Essas matrizes são responsáveis por oferecer os elementos simbólicos que constroem o ambiente onde as práticas com a bebida acontecem. Além disso, fornecem o conteúdo semântico que dá sentido aos rituais e conduz a compreensão dos adeptos antes, durante e após o consumo da bebida.

De um modo geral, quando solicitados a oferecer uma explicação sobre o significado da palavra Daime, os seguidores da religião fazem uma referência ao rogativo “Dai-me”. No entanto, o significado atual da bebida mostra-se mais amplo e resulta de uma ampla teia de significados que se constrói e se reconstrói continuamente

por meio da ingestão ritual da bebida e do compartilhamento da memória oral do grupo. A bebida se reveste, por exemplo, de um significado esotérico e oculto que, para ser compreendido, deve ser vivenciado. Assim, é comum que as pessoas respondam à pergunta “o que é o Daime?” dizendo que, para conhecer a bebida verdadeiramente, é necessário bebê-la. Por outro lado, quando instigados a falar mais profundamente sobre o significado da bebida, pude perceber que, para muitos adeptos, a ingestão do Santo Daime é percebida como uma comunhão eucarística. Essa idéia fica muito clara, por exemplo, nas palavras da Sra. Altina Alves Serra: “*Comunhão pra mim é tomar o Daime, o Santo Daime*”.

Segundo John R. Baker (2005, p. 180), a história da formação do conceito de sacramento se encontra intimamente ligada ao consumo de substâncias psicoativas.

“A palavra latina *sacramentum* foi usada originalmente para se referir ao voto ou juramento com os quais os soldados se ligavam ao serviço militar. Nos tempos romanos, o termo também era usado como uma tradução do termo grego *musterion*, mistério. Por sua vez, essa palavra provavelmente derivou de *muein* “fechar (a boca)”, “manter secreto” (JENNINGS, 1987, p. 501). *Musterion* e, conseqüentemente, *sacramentum* eram usados para se referir aos antigos “cultos misteriosos” ou “mistérios”, sendo o mais famoso deles os ritos de Demeter em Eleusis (WASSON et. al., 1998) onde por quase dois mil anos, pessoas de língua grega de diferentes lugares tinham uma experiência que, sobre todos os aspectos, mudava a sua vida, mas sobre a qual não podiam falar. Apesar de muitas dezenas de milhares de pessoas terem sido provavelmente iniciadas nos mistérios de Eleusis entre o século VI a.C. e o século IV d.c, (quando essas práticas se tornaram ilegais pelo novo Império Romano Cristão) não se conhecem relatos diretos, mas apenas detalhes desse tempo.

Em tempos antigos, cultos similares existiram em outros lugares. Entre os mais famosos estavam o culto do soma na Índia antiga (HEIRICH, 2002) e o culto de Mithras (HOFFMAN et. al., 2002). Também existem argumentos de que esses cultos existiram no início do Judaísmo (MERKUR, 2000) e do Cristianismo (RUCK et. al., 2001). Esses vários “mistérios” parecem ter envolvido a utilização de algum tipo de substância psicoativa ou preparos que produziam importantes experiências existenciais nos participantes” (BAKER, 2005, p. 180).

Por meio da contribuição de Baker (2005) é possível perceber que a ingestão de substâncias psicoativas na história esteve intimamente relacionada ao surgimento do conceito de sacramento. No entanto, de acordo com Grenz, Guretzki e Nordling (2005, p. 120), na concepção cristã de sacramento, constituída a partir de Santo Agostinho, ele

é compreendido como ato simbólico visível por meio do qual se considera que sejam dispensadas graças invisíveis. Nesse sentido, esses autores consideram que os sacramentos devem ser percebidos como ações por meio das quais os fiéis desfrutam das verdades que eles representam. Por tudo que foi exposto nesse trabalho, também compreendo sacramento como uma ação social, cujo significado se forma historicamente como destarte toda a religião. Tanto a idéia de que a própria bebida é um sacramento como de que existe a distribuição de uma graça divina na sua ingestão, estão presentes, por exemplo, no relato do Sr. Pedro Domingos da Silva, antigo seguidor da religião, que acompanhou os trabalhos do Sr. Irineu desde a década de 50, que também expressa a sua compreensão sobre o significado da graça alcançada na ingestão do Santo Daime. Ao ser indagado se no Santo Daime havia algum sacramento, o Sr. Pedro respondeu:

“Ele é o próprio Daime, que vem de Deus... Acabamos de falar agorinha, como é que é... junta essas três forças, Pai, Filho e Espírito Santo, as três pessoas da Santíssima Trindade. Tudo junto: o santíssimo sacramento, sacramento de Deus. O sacramento é o próprio Deus, o próprio Jesus Cristo, de onde nós vamos sacar a fé, a esperança e o amor, a verdade a vida e a justiça do próprio Deus.”
(entrevista, maio/2007, Rio Branco – AC)

Como pode ser percebido no relato do Sr. Pedro Domingues da Silva, para os daimistas, as graças recebidas na ingestão sacramental do Santo Daime dizem respeito à comunhão que acontece entre as pessoas e o ser divino que se encontra na bebida. Esse ser divino passou a ser compreendido como o próprio Cristo e o ato de ingestão da bebida foi sendo ritualizado – o que se constata pela presença do Cruzeiro e pela realização do gestual do Sinal da Cruz associado à sua ingestão. Desse modo a utilização da Ayahuasca foi se resignificando com o passar do tempo como um sacramento eucarístico e o significado do seu consumo foi se transformando à luz do imaginário cristão.

Segundo Frenopoulo (2005), a partir do desenvolvimento do Santo Daime e de outras religiões cristãs que consomem a Ayahuasca na região amazônica, tais como a Barquinha e a União do Vegetal, o consumo dessa bebida passou a ser progressivamente sacralizado e utilizado como um veículo de exploração psíquica individual dentro de um contexto imbuído de uma ética cristã. Nesse contexto religioso que se formou a partir do

Santo Daime - a mais antiga entre as religiões cristãs que consomem a bebida- o consumo da Ayahuasca foi gradativamente sendo percebido pelos usuários como um caminho de aprimoramento moral e espiritual.

De acordo com Frenopoulo (2005), essa mudança na dinâmica moral na utilização da bebida decorreu da influência do pensamento esotérico, cristão e espírita presente na constituição do Santo Daime e de outras religiões que se formaram depois.

Entre as influências cristãs, vale ressaltar, nesse momento, a importância das ações ritualísticas envolvidas no consumo do Daime, na constituição do seu significado atual, como afirma o Sr. Pedro Domingues da Silva, que também revela a compreensão simbólica do ato sacramental de ingerir o Daime para os seguidores da religião:

“Pra mim ele (o ato de beber o Santo Daime) tá me representando um ato divino, um ato de muito respeito, de muita seriedade que eu vou pego o Daime ponho no copo ou outra pessoa põe pra mim num copo pra mim tomar. Eu me benzo: Pai, Filho, Espírito Santo. Não preciso nem falar alto só com o pensamento mesmo e diz (quem serve a bebida diz): “Deus nos guie”. Aí Deus nos guia. Nós já tomamos o Daime... Pra mim naquele momento eu ingeri o Divino Senhor Deus dentro de mim que ele tá eternamente dentro de nós, mas o Daime... ele tá também. Então naquele momento que eu tomei o Daime, já a divindade tá dentro de mim.” (entrevista, maio/2007, Rio Branco - AC)

É possível perceber, então, por meio das palavras do Sr. Pedro, que a ingestão do Santo Daime ocorre dentro de um conjunto de ações que reiteram a verdade essencial compartilhada na religião, de ser a bebida um veículo sacramental cristão. Tal compreensão revela, como aponta Berger, que o ordenamento significativo presente na religião normatiza as relações sociais de seus adeptos e contribui para a construção de sua visão de mundo.

Para Bourdieu (1992, p.46), a religião exerce um efeito de consagração por meio da constituição de “sanções santificantes”. Isto é, legitimando determinados limites, funções e hierarquias como sagrados. Nesse processo, a religião oculta, de certa maneira, sua essência inerentemente política, ideológica e econômica - reflexo de um conjunto de aspirações sociais em determinado momento histórico. Ainda segundo Bourdieu (*idem*), esse efeito de consagração também é exercido por meio da constituição de um sistema de práticas e representações consagradas, cuja estrutura se

reproduz de forma transfigurada, ou seja, tornando “invisíveis”, desconhecidas, as estruturas social, política e econômica que embasam a formação da religião.

No tocante à formalização das práticas e preceitos doutrinários da religião Santo Daime, bem como de sua importância na constituição do significado atual da bebida, observo que, durante o período em que o fundador esteve à frente da religião, os símbolos e as ações rituais foram constituídos, permitindo, por exemplo, uma associação direta do consumo da bebida com o universo cristão. Entre os símbolos que fazem uma referência mais direta ao universo cristão, destaco a presença do Cruzeiro na mesa ritual (como é chamada a Cruz de Caravaca¹ na religião), a associação do sinal da cruz ao ato da ingestão da bebida, as preces cristãs que acompanham os trabalhos espirituais como o Pai-Nosso, a Ave-Maria e a Salve Rainha. Por outro lado, após o falecimento do fundador, percebo que o processo de institucionalização de um corpo de especialistas avançou. Constituíram-se algumas lideranças imbuídas de legitimidade entre os adeptos para a condução da religião. Dessa maneira, com o passar do tempo, foi se consolidando um campo de forças simbólicas e sociais que fundamentaram e continuam a fundamentar o ordenamento significativo da religião, possibilitando sua existência social e determinando o significado da bebida.

Partindo do conceito de cultura proposto por Geertz (1989), compreendo que tanto o ordenamento significativo presente na religião Santo Daime, como todos os sentidos compartilhados pelos participantes em suas ações ritualísticas, são parte de um corpo semântico, uma teia de significados que se estrutura e se ressignifica continuamente por meio da interação das pessoas com o conteúdo de suas práticas.

Tendo em vista o fato de o Santo Daime se tratar de uma religião de cultura essencialmente oral, cujos sentidos e práticas rituais constroem-se e se perpetuam por meio de narrativas transmitidas oralmente, de geração a geração, o processo de construção social de sentidos na religião passa por um diálogo constante dos adeptos com as narrativas orais, transmitidas entre as gerações dos seus seguidores.

Ao longo da história da religião, esse diálogo fundamentou em grande parte a ressignificação da Ayahuasca e a construção do significado atual da bebida.

¹ A Cruz de Caravaca é uma cruz com dois trastes presente na antiga tradição cristã e esotérica. De um modo geral, para os daimistas, o segundo traste dessa cruz representa a volta do Cristo.

Dentro do conjunto das narrativas orais que circulam entre os seguidores do Santo Daime, destaco os hinos que são entoados durante os rituais da religião e as lembranças dos adeptos mais antigos que falam sobre a história da religião.

Para os daimistas, os hinos são canções recebidas da realidade espiritual, dos seres divinos, ou do Eu Superior daqueles seguidores que dispõem de um tipo de sensibilidade especial, entendida por parte deles. Genericamente, como um tipo de desenvolvimento mediúnico. As palavras do Sr. Sebastião Mota de Melo, o líder mais proeminente da religião depois do falecimento do Sr. Irineu, falam da compreensão compartilhada no grupo sobre o processo de recepção de um hino.

“Todos aqueles que estiverem escutando estas palavras que são ditas pelos hinos, saibam que essa palavra não é nossa. Porque ela vem como Ele diz: sai da minha boca e transmite em ti. O hino é uma coisa que deslapa e entra na consciência da pessoa pela intuição, ou por voz, em conformidade com o tipo de aparelho receptor, não é? O hino vem. Mas ele não é ele, aquela matéria que tá trazendo aquilo. É o Eu lá do alto que tá andando uma mensagem pro Eu interno. Se o Eu interno está bem desenvolvido, ele logo recebe. Se não, se ele tá ainda muito emperrado, tá ainda dormindo, não saiu de cima da sepultura, os anjos não vêm revelar nada pra ele. É que esse Eu interno não está ouvindo nada. Ainda está morto”. (ALVERGA, 1998, pp. 73-74)

O relato do Sr. Sebastião confirma a compreensão compartilhada na religião de que os hinos são instruções divinas recebidas mediunicamente pelas pessoas. Por outro lado, os hinos também são considerados a expressão da “palavra do Mestre”. Essa idéia está presente, por exemplo, no relato oferecido pelo Sr. Alfredo Gregório de Melo, o líder do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal – Raimundo Irineu Serra), organização daimista que congrega o maior número de igrejas e de adeptos da religião ao redor do mundo na atualidade. “*Os hinos representam o Mestre expressando em palavras, miração, compreensão.*” (CUNHA, 1986, p.89). Assim, enquanto “mensagens do astral”, enquanto “palavras do Mestre”, os hinos são palavras divinas, sagradas, portanto narrativas investidas de poder, de autoridade simbólica para os seguidores.

Como novos hinos são continuamente “recebidos” pelos adeptos da religião, eles constroem uma teia de significados em constante formação e ressignificação. Eles estruturam a vivência psicoativa com o Daime, oferecendo um conteúdo semântico que dirige a experiência visionária, contribuindo também para a sua interpretação,

especialmente pelo fato de terem a condição de “palavra ensinadora” ao longo dos rituais da religião. No que diz respeito especificamente à construção do significado da bebida Santo Daime, a análise do conteúdo dos hinos revela as principais representações que falam do sentido da bebida. Considero que, ao estabelecer essa teia de significados, os hinos contribuem para a construção semântica do que é Daime, sendo, portanto, parte essencial de sua existência simbólica atual.

Além dos hinos, a memória dos seguidores mais antigos também cumpre um papel fundamental na construção do *nomos*, do ordenamento significativo da religião. As histórias, contadas e recontadas continuamente pelos mais velhos, falam dos momentos iniciais do Santo Daime, explicando e reforçando seus fundamentos doutrinários. Em tal contexto, comum a outras sociedades onde predomina a oralidade, as lembranças do passado, ainda vivas na memória dos mais velhos, constituem uma das fontes mais importantes de conhecimento sobre a compreensão compartilhada pelos daimistas.

Ao serem repetidas pelos adeptos, essas histórias, especialmente aquelas que versam sobre os momentos iniciais da religião, vão adquirindo uma grande importância para os seguidores e se tornam “histórias-exemplares” fornecendo os substratos cultural, moral e ético, necessários à manutenção da religião.

Por outro lado, essas histórias também transmitem para os seguidores a idéia da existência de um fundamento cristão e sagrado para religião e de um significado igualmente cristão para suas práticas e sua bebida sacramental. Ao repassarem essa idéia de fundação sagrada e cristã, essas narrativas orais fundamentam a compreensão da religião e da bebida como divinas e, nesse sentido, dão uma resposta, oferecem uma “solução narrativa” para essas questões. Dessa maneira, essas histórias também podem ser consideradas mitos-fundadores da religião, no sentido proposto por Chauí (2000), impondo um vínculo com o passado enquanto origem e solucionando narrativamente tensões e paradoxos presentes na construção social da religião, que é um processo contínuo sobre o qual não se pode determinar uma origem precisa.

Assim, compreendo a ressignificação como um processo dialético de atribuição de novos significados a um mesmo elemento, que acontece no Santo Daime mediante esse diálogo contínuo entre as pessoas e as narrativas orais.

No Santo Daime, esse processo de constituição de significados é muito evidente e marcante, especialmente no tocante aos hinos da religião. Ao ingerir o Santo Daime, as pessoas cantam estes hinos. Ao cantá-los sob o efeito psicoativo da bebida, elas fazem uma releitura do seu significado partindo de sua vivência presente, de sua condição psicológica individual e da cultura em que se inserem. Estabelecendo um diálogo com esse conteúdo, os adeptos constroem uma leitura particular da vivência psicoativa com a Ayahuasca no contexto da religião, ao mesmo tempo em que também constroem uma leitura particular do conteúdo expresso nos hinos, no caso, condicionada pelo presente. Esse diálogo interior que é estabelecido entre as pessoas e os hinos também subsidia o surgimento de novas compreensões sobre os princípios doutrinários, que então, dentro dessa dinâmica de ressignificação da religião, são objetivados em novos hinos, que por sua vez serão cantados nos rituais sob o efeito psicoativo da bebida, dando continuidade a esse processo “espiralar” e dialético de construção social de sentidos.

No entanto, essa dinâmica também acontece dentro do conjunto mais amplo de outras narrativas orais, que descrevem a história do Santo Daime. Assim, na medida em que a religião foi se espalhando, os sentidos originais atribuídos aos rituais, às narrativas mais importantes, aos símbolos e à própria bebida psicoativa foram sendo ressignificados e algumas práticas, reelaboradas.

Essa condição fica bem clara, por exemplo, no processo de santificação da bebida, na constituição do seu significado enquanto veículo sacramental cristão, enquanto representação do corpo e do sangue de Cristo e como um ser divino, com a capacidade de ensinar aqueles que dela comungam.

Segundo as narrativas orais que compõe o núcleo de mitos-fundadores da religião, o consumo da Ayahuasca anterior às primeiras experiências do Sr. Irineu na década de 10, era associado a atividades curandeiras e indígenas, atividades sociais e até práticas satânicas. Tal pode ser percebido na descrição do contexto em que o fundador tomou a Ayahuasca pela primeira vez. Segundo os daimistas, a Ayahuasca era usada para “chamar o demônio”. O relato a seguir é do Sr. Luiz Mendes Nascimento e rememora a primeira vez que o fundador bebeu a Ayahuasca no contexto nativo.

“Ele contou que a primeira vez (que bebeu Ayahuasca) foi com o os caboclos peruanos. Já constava a existência de trabalho (com a Ayahuasca) pra lá (...).

Aí um dia eles conversando... O Antônio Costa definiu pra ele, informou da existência dessa bebida, desse trabalho, que ele mesmo ainda não tinha experimentado. Só sabia que existia. Aí foi quando ele disse: “*Rapaz, eles tomam essa bebida assim... é pra invocar lá uma parte satânica, pra ajudar nisso e naquilo, fazer aqueles pactos, aquelas coisas todas...*” Ele (o Sr. Irineu) disse: “*É pra isso?*” “*É pra isso*” (respondeu o Sr. Antônio).

Aí o Mestre Irineu botou aquilo na cabeça e começou a pensar que até ali ele tinha lutado tanto com Deus, mas Deus ainda não tinha dado pra ele assim um apogeu melhor. “*Poxa vida... A vida era muito sacrificada*” (com aqueles lamentos). “*Quem sabe que esse outro lado não vai ser uma oportunidade pra mim? Então eu vou pedir para o Antônio Costa me levar lá*”. (...)

Aí no dia tal eles foram. Aí consta que eles tomaram lá a beberagem. Foram bem recebidos. E, nessa aí, o Mestre Irineu já saiu bem impressionado porque o que ele foi procurar não encontrou. Encontrou sim, foi o contrário.

Porque, realmente, quando o trabalho iniciou, a certa altura lá do efeito da bebida, eles botaram, o pessoal lá, a boca do mundo. Era só mesmo por quem eles chamavam (o sataná). Aí o Mestre Irineu, que foi quem criou um provérbio que diz: “*em terra de sapo de cócoras com eles*”... aí ele disse:

“*Eu vou também acompanhar esse povo*”. Aí botou o bocão no mundo chamando o satã. Só que pra ele não dava nada. O que dava era cruz, cruz e cruz e mais cruz. E a cada vez mais cruz. Mais e mais. Lá numa altura ele já tava era sufocado com tanta cruz. Aí foi quando ele se apercebeu: “*Olha o diabo corre com medo de cruz. Como é que cada vez que eu chamo ele, aparece mais cruz? Não. Isso aqui tá meio trocado*”.

Aí foi quando ele começou a fazer as experiências dele pedindo pra ver a terra dele - o Maranhão... e já tava lá (na miração); a família... e já e tava lá; Manaus... e já tava Manaus lá. Aí ele saiu com essa impressão assim: “*Rapaz se deu sataná foi para os outros, porque pra mim foi assim, assim e assim*”. (entrevista, maio/ 2007, Rio Branco - AC)

Conforme consta no relato acima, a experiência visionária do Sr. Irineu com a bebida distinguiu-se desse contexto “satânico”, posto que suas visões mostraram cruces, um símbolo cristão, que, na compreensão do narrador, o motivou a investigar a existência de outros significados na bebida, no caso, não-satânicos.

Outras narrativas orais presentes na religião mencionam que, após suas primeiras experiências com a Ayahuasca no contexto nativo, ele teria passado por um processo de iniciação solitária no interior da floresta² que o levou a se encontrar com um ser divino identificado por ele e seus adeptos como a Virgem da Conceição. O relato a seguir, também do Sr. Luiz Mendes Nascimento, descreve o momento em que, após o período de reclusão na floresta, o Sr. Irineu entra em contato com a Virgem Maria, conhecida na religião como a Rainha da Floresta.

“Após cumprida a dieta, Ela chegou pra ele, clara com a luz do dia. Ela disse que estava pronta para atendê-lo no que ele pedisse. Pediu que Ela lhe fizesse um dos melhores curadores do mundo. Ela respondeu que ele não poderia ganhar dinheiro com aquilo.

- *Minha Mãe, eu não quero ganhar dinheiro.*

- *Muito bem! Mas você vai ter muito trabalho. Muito trabalho!*

Ele pediu que Ela associasse tudo que tivesse a ver com a cura, nessa bebida.

- *Não é assim que tua está pedindo? Pois já está feito. E tudo está em tuas mãos.*” (Revista do Primeiro Centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra, 1992, pp. 14-15).

Foi após esse período iniciático que o Sr. Irineu alcançou, na compreensão dos daimistas, a condição de curador e passou, a partir da continuação de seu contato com a Virgem Maria, a estabelecer, sob sua orientação, as práticas da religião e os hinos. Dessa maneira é possível perceber que, por meio da disseminação e do diálogo estabelecido com essas narrativas orais, a bebida Ayahuasca, gradativamente, foi ganhando o significado de uma bebida sagrada por meio do qual se revelava a própria Virgem Maria.

Com o passar do tempo, outras narrativas relevantes também se somaram a esse pequeno núcleo de mitos-fundadores e, dentro do processo dialético de formação de sentidos, foram contribuindo para a ressignificação da bebida, para a sua “santificação”. Entre essas narrativas, destaco especialmente os relatos de falas de curas, bênçãos e fatos miraculosos vivenciados pelos seguidores do Sr. Irineu nos rituais do Daime, entre

² Esse Período de iniciação do Sr. Irineu é conhecido pelos adeptos como “a dieta” pelo fato de, nesse momento, seguindo orientações recebidas sob o efeito da Ayahuasca, ele ter comido apenas macaxeira sem sal.

as décadas de 40 e 60, que contribuem para construir a idéia de que a bebida tem poderes inacreditáveis, consolidando a imagem do fundador como um curador especial. As palavras da Sra. Percília Matos rememoram o tipo de atendimento prestado pelo Sr. Irineu, revelando-nos um pouco do universo sócio-cultural vivido pelos daimistas durante as décadas de 30 a 70 e de sua concepção de doença e cura:

“Um tempo que chegou um rapaz lá na casa dele, chegou de... Você conhece um lugar aí que chama Manicoré, já ouviu falar? É aqui perto de Manaus! Manicoré é o lugar! Esse rapaz veio de lá! Um chamava-se Roldão e o outro Benedito. Eram dois irmãos. Então este Roldão. Era o Roldão que vinha doente. (...) Eles lá disseram que tinha um seringalzinho. Tinham gasto tudo quanto tinham. Até que os médicos desenganaram ele. (...) Lá ele soube desse homem aqui (Sr. Irineu), que tinha esse trabalho de fazer essas curas impossíveis. Que médico desenganava, ele que curava! Quando ele soube disse: ‘Vou lá!’ O irmão que tava bom trouxe este que tava doente.

Chegou na casa dele (Sr. Irineu) pedindo pelo amor de Deus que cuidasse do irmão dele que tava naquela situação. E falou tanta lástima... que quanta coisa que ele já tinha passado de sofrimento mais ou menos no mundo... e gastando tudo quanto tinha... e não tinha médico que descobrisse a doença do homem! (...) E disse (o Sr. Irineu): É, o médico desenganou, mas Deus não desenganou não é?

Ele disse (o doente): ‘Não senhor!’

‘Pois então vamos ver o que se faz!’ (disse o Sr. Irineu)

Aí este homem era de um jeito, que o pobre não podia tomar uma gota de água. Tudo, por lento que fossem (dando)... Não sustentava nada no estômago! Tinha que se acabar mesmo! Tava só um caquinho!

Aí ele chegou lá assim, num sei se foi segunda ou terça... Foi assim logo no comecinho da semana. Começaram com a cura dele: três quartas-feira.

Quarta-feira foi o primeiro dia! Deu Daime pra ele, resistiu bem. Quando terminou... (O Sr. Irineu) Mandou dar um chazinho. “Mas dê de gota em gota, bem de lento que é pra ir sustentando... Uma xicrinha de chá pra ele”. Sustentou! “Faça um caldo de caridade! Bem fininho!” Fizeram o caldo. “Mas não dê colher cheia. Dê de pingo em pingo, de gota em gota”. Assim se fez. Foi indo, foi indo... Até que o estômago sustentou. E aí fizeram... aumentando devagarinho, devagarinho, devagarinho... Quando foi na outra semana (...) na segunda cura que ele fez, aí ele já comia pirão, arroz, comidinha de leve, coisa não muito pesada, mais já ia comendo. Disse que não comia nada!

Isabela teu nome né?! Minha filha no terceiro dia dessa cura (...) chegou lá pela metade da Concentração, o homem meteu os pés, pulou da rede onde ele tava sentado, pulou e lá se vai... e vomitou... Saiu um troço de dentro dele, era uma coisa muito grande, uma coisa que ele não sabe o que é! E o irmão dele foi lá com uma lanterna olha! Uma caranguejeira! Só acredita quem é acostumado. Sabe que dentro do Daime tem prodígio! Uma caranguejeira. A bicha ainda tava viva! (...) Como é que a porcaria é uma coisa muito mal feita mesmo! Uma caranguejeira no estômago! Por isso que nada sustentava mesmo! E os médicos não enxergavam isso! Não descobriram...

(O Sr. Irineu) Chamou umas pessoas de confiança lá com uma enxada, mandou enterrar aquela porcaria. (...) (O Sr. Roldão) Passou ainda umas duas semanas só se alimentando alegre satisfeito. Já tava outra pessoa...

Agradeceram tanto! E perguntaram quanto é que custava o trabalho dele (do Sr. Irineu)! Disse (o Sr. Irineu): 'Eu não quero um tostão!' (...) Que quando ele começou a trabalhar, a mãe divina disse que ele tinha que ser o maior curador do mundo. Só tinha uma coisa: ele nunca cobrasse um tostão por nenhuma cura que ele fizesse. Senão ele tinha que pedir força ao dinheiro, não à Deus! E então ele tem que pedir força à Deus e não no dinheiro! E ele não cobrava mesmo! Aí minha filha... (...) era presentes e mais presentes coisas valiosas. Ele não recebia o dinheiro mas os presentes ele recebia. Não davam de bom coração? Ele recebia né!" (entrevista, maio/ 2003, Rio Branco – AC)

Assim, os mitos-fundadores da religião e as narrativas que rememoram a vida do Sr. Irineu foram contribuindo para que progressivamente a bebida fosse conhecida não apenas como Daime – nome dado pelo fundador, mas como Santo Daime: uma bebida sagrada e milagrosa. Outro momento importante nessa trajetória diz respeito à construção da compreensão compartilhada entre os adeptos de que o Mestre, como os discípulos se referem ao Sr. Irineu, está presente no Daime e, por meio da bebida, fala diretamente a cada seguidor. Essa idéia está presente, por exemplo, no relato do Sr. Luiz Mendes Nascimento.

“O Mestre é o Daime. (...) Daime em si seja o Mestre Irineu como ele se identificou sendo ele o mesmo Daime ou o Daime sendo ele mesmo. Ele se identificou e é com certeza então. Tem razão a expressão, em dizer trabalhar com firmeza e com toda perfeição para dar força ao nosso Mestre” (entrevista, maio/ 2007, Rio Branco – AC)

O hino a seguir, do Sr. Sebastião Mota de Melo, fala dessa mesma compreensão.

“Estou aqui porque meu Pai me mandou
Estou aqui porque sou o Salvador
Engarrafei, sempre vivo engarrafado

E o povo muito animado
Procurando seu valor (...)"
(hino 24, "Estou Aqui" do hinário "O Justiceiro")

No entanto, além dos discípulos terem reconhecido no Daime, o Mestre, ao longo do tempo, alguns seguidores da religião passaram também a reconhecer no Sr. Irineu a figura de Jesus. Alguns, como uma reencarnação do próprio Cristo. Outros, como um ser que alcançou o grau crístico. O relato do Sr. Luiz Mendes do Nascimento revela um pouco da compreensão compartilhada pelos adeptos sobre o fundador da religião.

"Essa pergunta me foi feita por um irmão nosso assim que eu iniciei os meus trabalhos na doutrina. Aí eu tava naquele auge, naquela expectativa, com vontade de saber. Ainda hoje... nunca é suficiente . Mas saber o que ele representava na íntegra eu tinha muito pouco, em relação ao que eu tenho hoje. Aí um irmão nosso, o compadre Chico Granjeiro (...) que teve uma convivência bem maior, bem de perto com Mestre... um dia nós trabalhando assim no serviço pesado mesmo, de roçado... em dado momento ele me perguntou assim:

'Luiz, me diz uma coisa, o que você acha que o Mestre é? O quê que ele representa?'

Eu digo:

'Seu Chico eu não sei lhe dizer não! Assim diretamente... sei bem que ele é um ser espiritualizado de muito valor como Mestre, ensinador... É um ser espiritual habitando aqui entre nós ?'

Ele diz:

'Pois eu te digo!'

(Luiz Mendes) 'Você me diz!'

(Chico Granjeiro) 'Te digo e não peço que nem seja confidenciário. O Mestre é Jesus!'

(Luiz Mendes) Eu digo:

'E é, seu Chico?'

Ele disse:

'É...O Mestre é Jesus!'

E eu:

'Tá muito obrigado...'

E a partir dessa afirmação dele, eu fui botei o pé no caminho e fui atrás! Eu digo:

'Seu Chico me falou que o Mestre é Jesus, eu vou procurar se ele é Jesus mesmo.. habitando entre nós na carne, como eu já fui de outra feita ou quem sabe de tantas outras vezes !

Aí botei o pé no caminho e fui atrás, e ainda tô nessa caminhada em busca realmente...Mas eu já posso lhe adiantar que o compadre Chico tem razão! Foi um Jesus! Foi um Jesus! Ele chegou a uma perfeição tal que se cristificou! Quer dizer duas pessoas distintas que viveram tempos diferentes, mas que quer dizer a mesma coisa. Porque o próprio Antônio Gomes que é um dos portadores de um hinário de muito valor! Que é realmente toda uma expressão verdadeira.' Ele diz que 'Jesus Cristo veio ao mundo. Terminou o que veio fazer. Entregou ao nosso Mestre' ... que é Mestre Irineu ! 'Ele tem o mesmo poder'.

'Então ele tendo o mesmo poder de Jesus, o quê, que falta pra ser Jesus? É Jesus mesmo, porque se eu...Por exemplo, tivesse os poderes de Jesus eu também seria Jesus que eu não tenho os mesmos poderes ! Então num é tanto mistério! Num é tanto mistério, num dá nem assim pra se questionar e fazer confusão...'

Então pra mim ele é Jesus!'. (entrevista, 2004, Seringal Fortaleza -AC)

Por outro lado, os hinos da religião também contribuíram grandemente para a construção dessa representação do Mestre como Jesus. Em seu hinário, o Sr. Irineu deixou vários hinos que faziam referência a Jesus na Terceira pessoa. Como no hino 20, "Sempre assim":

"Jesus Cristo me mandou
Para sempre amém Jesus
Não temer esse caminho
Deus foi quem deu desta luz"

Ou no hino 28 "Cantar ir"

"Jesus Cristo me mandou
Para mim viver aqui
Sou eu, sou eu, sou eu
Sou eu, sou bem feliz"

Mas ele também deixou algumas poucas referências, menos explícitas, que falam de si mesmo como Jesus Cristo como no hino 104 "Sexta-feira":

“Sou filho, sou filho,
Sou filho do Poder
A minha Mãe me trouxe aqui
Quem quiser venha aprender

Vou seguindo, vou seguindo
Os passos que Deus me dá
A minha memória divina
Eu tenho que apresentar

A minha Mãe que me ensina
Me diz tudo que eu quiser
Sou filho desta verdade
E meu Pai é São José (...)”

Vários outros hinos recebidos por diferentes pessoas repetem essa compreensão, construindo uma ampla teia de significados que consolidou, com o passar do tempo, a representação do Sr. Irineu como Jesus Cristo.

Assim, sendo a bebida o próprio Mestre e o Mestre uma representação de Jesus Cristo, foi-se consolidando a compreensão da bebida e sua ingestão como um sacramento eucarístico. Mensagem que fica explícita no hino do Sr. Valdete Mota de Melo.

“(...) Eu tomo Daime
E considero este vinho
O mesmo vinho
Que Jesus deu pra tomar

Aos seus apóstolos
E disse em minha memória
Que é para sempre
Esta luz nunca faltar.”

No entanto, essa compreensão do Mestre e do Daime como o próprio Cristo ainda ganhou outra dimensão no contexto do grupo, que suplanta o seu sentido católico tradicional, na medida em que o Sr. Irineu também passou a ser identificado como Juramidam.

Juramidam é um conceito que, dentro da religião, representa tanto o grau espiritual alcançado pelo senhor Irineu (ou o seu nome na realidade espiritual), como também fala do significado daquilo que seria essa segunda vinda do Cristo para os daimistas. As palavras do Sr. Luiz Mendes explicam essa compreensão.

“Juramidam é isso. Foi uma identificação que ele buscou e encontrou todo um império aqui na Terra. Como acontece com cada um de nós. A gente tem esse nome apropriado, necessário pra se definir as pessoas. O meu é Luiz , o seu é Isabela. Mas isso dentro desse plano terrestre (...) Lá (na realidade espiritual) é outro nome. Nossa identificação nominal é outra.(...) Já existe pouquíssimas, mais existem revelações (...). Cumadre Percilia se revelou como “Taio Cires Midam”, a cumadre Maria Gomes, mãe da cumadre Adália, é a “Maria-nanaí” (risos). O Mestre Irineu, Raimundo Irineu Serra, “Rei Juramidam”. E são exemplos assim revelados e que vem caracterizar que se dá a cada um de nós aqui é um nome. O cumpadre Tufi aqui tem um nome “e no mar sou Adão Marinho”¹³⁸ (risos). São revelações que a gente vai relacionando e vai encontrando então dentro desse contexto. Ele é o rei Juramidam. Somos considerados da sua família. Aí a gente não pode dizer que seja diferente como trata o hino do Padrinho Sebastião Mota (...) fala que nos todos somos Midam” (entrevista, maio/ 2007, Rio Branco – AC)

Por outro lado, dentro da religião, a palavra Juramidam tanto se refere à pessoa do Mestre como à imagem de Império, estando esses dois conceitos ligados entre si, como pode ser percebido nas palavras proferidas pelo dirigente da sessão no encerramento de um ritual.

“Dirigente: ‘Em nome de Deus Pai e da Virgem Soberana Mãe, do Patriarca São José, de todos os seres divinos da corte celestina e com a ordem no nosso Mestre¹³⁹-Império Juramidam, está encerrado o trabalho de hoje meus irmãos e minhas irmãs. Louvado seja Deus nas alturas’.

Todos juntos: ‘Para sempre seja louvada a nossa mãe Maria Santíssima sobre toda a humanidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém’.”

Já o relato do Sr. Sebastião Mota de Melo avança na compreensão do significado do que seria esse império, na medida em que, para este senhor, na palavra Juramidam, o radical Jura se refere ao Pai, a Deus, e Midam, a cada um de seus filhos. Acrescento o trecho a seguir, que oferece, além dessa compreensão, alguns desdobramentos que se fazem perceber na religião sobre esse tema.

“Vamos estar na perfeição perante o nosso Pai Supremo Celestial porque agora é tempo do Espírito Santo. Cada um que se conforme e entre em comunhão com Jesus Cristo, como assim está dito e escrito no Terceiro Testamento! Tem o Primeiro, vida de Deus Pai, o mundo dele. O Segundo, o mundo de Jesus Cristo. E o Terceiro, o mundo do Espírito Santo, pois até o nome é Jura. Como disse, o nome agora é

Jura, e é Juramidam. Quem não for Midam não pode ser filho de Jura. Acredite quem acreditar, mas se não nascer de novo, não terá a Vida Eterna!” (ALVERGA, 1998, p. 110)

Assim, analisando as palavras do Sr. Sebastião, é possível perceber que ele relaciona Juramidam à terceira pessoa da Santíssima Trindade, ao Espírito Santo e acrescenta, ainda, que, na sua compreensão, vivemos um período cuja história faz parte de um Terceiro Testamento bíblico, cujos acontecimentos se tratam de manifestações do Espírito Santo.

No entanto, ao indagar os seguidores sobre a origem do termo Império Juramidam, recebi a seguinte resposta da Sra. Altina, que tanto confirma as interpretações já expostas, como remete às raízes culturais e históricas da religião.

“O império?! Vem de Imperatriz no Maranhão (risos)... Império, império, império... Significa dizer de rei, imperador (...) Pois é... Mas eu acho que império é o palácio dele, o reinado dele: Mestre Império Juramidam. E esse reinado é muito fino. Acho que é onde está todas (as coisas).” (entrevista, maio/ 2007, Rio Branco – AC)

O relato da Sra. Altina acrescenta a idéia de que o império é um palácio, um reinado onde estão todas as coisas, imagem que aponta, por sua vez, para a realeza da manifestação coletiva do Espírito Santo.

Por outro lado, a resposta intuitiva e espirituosa da Sra. Altina também indica uma possível origem histórica e cultural para a presença do conceito de Império na religião, já que no Maranhão, terar natal do Sr. Irineu, uma das festas devocionais mais importantes é o culto ao Divino Espírito Santo. Nele, a palavra *império* figura como um dos elementos centrais da festa. Trata-se de uma encenação feita por um casal de meninos ricamente fantasiados como rei e rainha e seus mordomos-régios que, juntos carregam a “Santa Croa”, a pomba branca e todos os símbolos que se referem ao Divino Espírito Santo.

Assim, para os daimistas, a ingestão do Santo Daime representa uma eucaristia, cujo significado é renovado pela compreensão da mesma se tratar da presença viva do Divino Espírito Santo, que se manifesta por meio de um diálogo psicoativo e visionário, ao som dos hinos entoados na religião, os quais trazem a revelação de uma palavra bíblica atual, considerada por alguns seguidores como um terceiro testamento, uma continuidade viva da história cristã.

Por tudo que foi exposto, considero que o processo de reconstrução dialética de sentidos foi o mecanismo primordial que permitiu que a bebida Ayahuasca adquirisse seu sentido atual no contexto da religião e também que fosse rebatizada como Daime e, mais tarde, como Santo Daime. Por outro lado, partindo da idéia de religião enquanto um fenômeno social em contínua formação, também compreendo o significado atual da bebida e o conjunto de suas práticas e princípios doutrinários atuais, como produtos em constante atualização, em contínuo desabrochar a partir da semente plantada pelo seu fundador no solo fértil da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVERGA, Alex (Org.). **O Evangelho segundo Sebastião Mota**. Boca do Acre: CEFLURIS, 1998.

ARRUDA, Carolina; LAPIETRA, Fernanda; SANTANA, Ricardo Jesus. **Centro Livre. Eclétismo cultural no Santo Daime**. São Paulo: All Print, 2006.

BAKER, John R.. **Psychedelic sacraments**. *Journal of psychoactive drugs*. Volume 37 (2), June, 2005. pp. 179-187.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Editora Paulus, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1992.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. 103 p.

CUNHA, Geovânia Corrêa Barros. **O Império do Beija-Flor**. Monografia em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 1986.

DOBKIN, Marlene De Rios. **Visionary Vine: Hallucinogenic hallucinogenic healing in the Peruvian Amazon**. San Francisco: Chandler Publishing, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRENOPOULO, Christian. Iglesias de Ayahuasca: del chamanismo a religiones universales de salvación. In: Simpósio **“Drogas – Controvérsias e Perspectivas”**. São Paulo: NEIP, 2005.

GABRICH, Débora C P. O trabalho oculto e exotérico de Raimundo Irineu Serra. Comunicação feita na mesa redonda: O uso da Ayahuasca no Brasil: vertentes e experiências. In: **Primeiro Encontro Brasileiro de Xamanismo**. São Paulo: Léo Artése/ Associação Lua Cheia – Pax, 19 de março de 2005.

GEERTZ, Clifford James. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. **Dicionário de Teologia**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da Floresta**. Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

HEIRICH, C. The mushroom gods of ancient India. In: **Entheos** 2 (1). 2002, pp. 4-12.

HOFFMAN, M.; RUCK, C.; STAPLES, B.D. The entheogenic Eucharist of Mithras. In: **Entheos** 2 (1). 2002.

JENNINGS, T.W., Jr. Sacrament. In: New Catholic encyclopedia of religion. New York: Macmillan, 1987.

LANGDON, Ester. Prefácio. In: GOULART, Sandra Lúcia; LABATE, Beatriz Cauby (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. São Paulo: Mercado das Letras, 2005.

LUNA, Luis Eduardo. **Vegetalismo: Shamanism among the Mestizo Population of the Peruvian Amazon**. Estocolmo, Suécia: Almqvist and Wiksell International, 1986.

MACRAE, Edward. **Guiado pela lua. Xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

MERKUR, D. **The mystery of Manna: The psychedelic sacrament of the Bible**. Rochester, Vermont: Park Street Press, 2000.

OLIVEIRA, Isabela. **Santo Daime: um sacramento vivo, uma religião em formação**. Tese de Doutorado em História, UnB, 2007.

REICHEL-DOLMATOFF, G. O contexto cultural de um alucinógeno aborígine – Banisteriopsis Caapi. In: COELHO, Vera Penteadó. **Os alucinógenos e o mundo simbólico**. São Paulo: EDUSP, 1976.

RUTTIMAN, Ana Maria; VAN ERVEN, Laura; MONTEIRO, Rolando. **Revista do primeiro centenário do Mestre Raimundo Irineu Serra**. Rio de Janeiro: Editora Beija-flor, 1992.

WASSON, R.G.; HOFFMAN, A.; RUCK, C.A.P. **The road to Eleusis**: Unveiling the secret of the mysteries, twentieth anniversary edition. Los Angeles: William Daley Rare Books Ltd., 1998.